6

Considerações finais - Dinâmicas e articulações das geografias no campo: Por uma 'ecologia das oportunidades'?

As oportunidades objetivas de que dispõem os jovens na área 1 e na área 2 são concretas e somente vêm se constituindo enquanto oportunidades efetivas através de uma longa caminhada. Mais ou menos afastadas das vizinhanças de favelas nas duas áreas, elas estão lá! Mas não exatamente do jeito como alguns gestores e alunos desejam ou mesmo são capazes de potencializar como um benefício.

Conforme verificado nos capítulos 3 e 4 as duas áreas observadas neste relatório contam com um razoável número de escolas públicas de ensino médio (EM) e inclusive de ensino fundamental (EF), considerando-se, por exemplo, a relação entre oferta e procura por escolas de EM que é muito mais desequilibrada em outras regiões, como a região central da zona oeste do município do Rio.

Contudo, apesar da rede física de EM ser razoável tanto na área 1 quanto na área 2 o peso de determinantes culturais, políticos, sociais e econômicos pode torna essa geografia objetiva mais acessível a um grupo e praticamente inviabilizá-la a outros.

A própria (re)constituição desta geografia objetiva no território ao longo do tempo muitas vezes depende também destes mesmos determinantes e sobretudo do alcance das *redes de relacionamento* dos sujeitos, principalmente dos gestores, seja para o implementação de novas posturas pedagógicas e de gestão, como no caso do diretor da Escola do lado A na área 1, seja para defesa da escola em si, como no caso da diretora da Escola de Fora na área 2, mencionada na seção 5.1.3.

Neste sentido a geografia objetiva das oportunidades se impregna também de algo que é profundamente relacional e determinado pelos *ativos* dispostos no campo e entre os sujeitos.

Observando a geografia objetiva e subjetiva das áreas 1 e 2, com a perspectiva que sugeriram Galster e Killen (1995), as decisões/escolhas tomadas por jovens [no nosso caso também pelos gestores] enquanto fruto de suas subjetividades socialmente constituídas, ao passo que refletem as condições metropolitanas de sobrevivência a que estão submetidos, em certa medida também podem impactar aquilo que é dado como *objetivo*, como algo concreto, como, por exemplo, o número de escolas de uma rede de ensino em um determinado território.

Pensando ainda um pouco mais neste exemplo, sobretudo levando-se em consideração a velocidade com que avança a expansão da rede física de EM na cidade do Rio de Janeiro, talvez a geografia objetiva de escolas para este segmento possa parecer menos dinâmica do que se apresente ao nível das relações cotidianas. Ainda que esta questão possa ser também tomada como um efeito de *escala* (Castro, 1995), a *dialética* (Lacoste, 1989) das relações entre os indivíduos no(s) território(s) faz com que a geografia objetiva e subjetiva constituam juntas uma ecologia das oportunidades.

Assim como as perspectivas de jovens e famílias podem orientar trajetórias e resultados escolares estes por sua vez marcam escolas e modalidades de ensino. Da mesma forma, assim como as desigualdades de oportunidades podem se revelar estratificadas ao longo do tempo em inúmeras instâncias da vida cotidiana como na educação (Ribeiro, 2009), por exemplo, também as redes de ensino e no caso da rede estadual de ensino médio no município do Rio de Janeiro, as modalidades de EM podem ser hierarquizadas em um determinado território ou vizinhança.

O governo do Estado oferece no município do Rio de Janeiro escolas de EM regulares noturnas, de EM regular diurno e noturno, de EM supletivo e escolas de EM técnico profissionalizante, unidades destes diferentes tipos de escolas estão presentes tanto na área 1 quanto na área 2, mas os dados apresentados anteriormente mostram que cada uma delas não se apresenta da mesma forma como uma oportunidade acessível ou desejável a todos os jovens em ambas as áreas. Neste sentido, tal como o modelo hipótese descrito ao final do capítulo 5, a hierarquização de algumas modalidades de ensino pode espelhar as desigualdades sociais do território.

Embora alguns gestores possam estar conscientes desta realidade e inclusive inclinados e/ou mobilizados para que seus alunos e unidades escolares sejam capazes de contorná-la, considerando-se exclusivamente o grupo observado por esta pesquisa, o alcance de tais iniciativas é pequeno frente às demandas e ainda menos eficaz se comparado aos resultados que *ativos* culturais, sociais e econômicos podem alcançar quando acionada diretamente pelas famílias a favor da trajetória escolar de seus filhos. Embora não se possa aqui generalizar ou ter como definitivas tais considerações, tanto na área 1 quanto na área 2 os esforços dos gestores das escolas com maiores dificuldades são ainda insuficientes para alavancar melhorias efetivas para o grupo como um todo. Este talvez seja um dos

impasses mais agudos por que passa o crítico EM no Estado do Rio de Janeiro, um efeito perverso da inexistência de políticas claras gestão e investimento na rede pública de ensino médio em larga escala.

Por outro lado as iniciativas dos gestores observados por esta pesquisa têm sido bem sucedidas no sentido de amenizar a falta de infra-estrutura e a histórica segregação que sofrem as escolas estaduais de EM que são compartilhadas. Também o sucesso na qualificação das atividades docentes e discente, embora isto nem sempre configure melhores resultados escolares têm contribuído para a melhoria do clima acadêmico e a longo prazo certamente pode contribuir para uma melhora dos resultados escolares e conseqüentemente impactar a representação da escola na *hierarquia* das oportunidades.

Nas palavras do diretor da Escola do Meio, também entrevistado durante o trabalho de campo, “a preferência deles [*os jovens*] pelo ensino médio supletivo é na cabeça deles também um investimento na busca por emprego”. Para o diretor embora a pressa pelo diploma pareça ser a única coisa que resta, em sua opinião, mesmo para este grupo socialmente tão vulnerável a **Escola ainda importa**, e serve a construção de um futuro, mesmo que seja singelo e comum.

Afinadas com esta realidade a gestão das Escolas de Dentro e do Lado A se mostraram sensíveis às demandas de empregabilidade dos jovens, nestas escolas, e era comum encontrar notícias e orientações sobre banco de empregos, estágios e outras oportunidades ocupacionais acessíveis aos alunos do EM. Também são estes mesmos gestores, incluem aqui também os gestores da Escola do Meio e Escola de Fora, mais propensos a falar abertamente das mazelas e dos sucessos de suas experiências como gestores de escola. De maneira distinta eles chegaram a seus cargos, mas demonstraram ter em comum a disponibilidade e a disposição de quem não se abate quando desafiado pelo contexto a sua volta.⁷²

⁷² A diretora da Escola do Meio chegou à direção geral depois de exercer por alguns anos o cargo de adjunta, a diretora da Escola de Fora foi nomeada diretora durante a crise da unidade que quase fechou a Escola de Fora e o diretor da Escola do Lado A, sem nenhuma experiência anterior como gestor escolar, após o falecimento da diretora anterior foi nomeado pela diretamente pela ex Secretária de Educação Teresa Porto que atendeu as solicitações políticas das organizações civis de bairro que pleiteavam a sua indicação a despeito de uma indicação concorrente defendida pela Coordenadoria Metropolitana responsável pela da região. Todos os três foram nomeados por critérios político de seleção. O diretor da Escola do Meio que assumiu este ano foi o único que passou pelo atual processo de seleção que leva em consideração a competência técnica. Todos têm entre 40 e 50 anos de idade.

Em muitos dos encontros que tive com estes gestores percebi que o deslocamento da gestão é maior do que o da própria escola. Quanto maiores as dificuldades encontradas pelas gestões em suas unidades, como a evasão e os baixos rendimentos escolares, mais eles precisam estar mobilizados na busca de soluções, isso é fato, mas por outro lado, mais deslocados na relação com alguns de seus pares e famílias eles pareciam estar. Como se a *competência técnica* e o *compromisso político* que norteia estes quatro gestores, apesar de postos a serviço da escola precisassem operar na contra mão de quase todo o resto.

As escolas também não estão mais deslocadas que os próprios jovens. Deslocados estão aqueles que conseguem cobrir longas distancias e ocupar os melhores lugares na rede de ensino médio público estadual no município do Rio, por outro lado aqueles que permanecem nas escolas estaduais próximas as suas vizinhanças, na maioria das vezes enfrentando em piores condições de aprendizagem, também se sentem deslocados, posto que, com menor propriedade, também percebem as oportunidades ‘fora’ do seu alcance.

A crise por que atualmente passa o EM médio é na verdade um enorme complexo de questões que inegavelmente passa pela falta de planejamento e investimento. E que num extremo é marcada pelo exorbitante número de jovens que ainda se encontram fora da escola, e em outro, pela existência de trajetórias escolares que em função da busca por excelência se deslocam no espaço e com para isso *ativam* recursos e ganham tempo, enquanto outros que por inúmeros fatores são menos capazes de *ativar* os mesmos recursos e fazer determinadas escolhas e, portanto, parecem correr contra o tempo ou nele simplesmente ficam defasados em função de que não abdicam ou enraízam um determinado *território*.